

7. Da expectativa à esperança

A passagem mais importante, ou poderíamos também dizer: o *salto* mais importante a ser dado e repetido para percorrer esse caminho da vida é aquele *que vai da mera expectativa à esperança*.

Nós, diante de cada problema, dificuldade, carência, reagimos com o instinto de espera do imediato, de espera de uma solução, de uma satisfação, ou seja, de qualquer coisa que venha a satisfazer o mais rápido possível a nossa necessidade. A cultura informatizada e consumista do “tudo e agora” acentuou essa tendência, ou pelo menos a tornou uma condição permanente na qual vivenciamos tudo: os relacionamentos humanos, o trabalho, o estudo, a concepção do tempo, a saúde e a doença, etc. Mas também a religião e, portanto, também a maneira de viver uma vocação, mesmo que seja monástica e contemplativa.

Também sobre isso a Bula do Papa Francisco para o Jubileu tem uma passagem muito explícita, quando fala da paciência: “Habitamo-nos a querer tudo e agora, num mundo onde a pressa se tornou uma constante. Já não há tempo para nos encontrarmos e, com frequência, as próprias famílias sentem dificuldade para se reunir e falar calmamente. A paciência foi posta em fuga pela pressa, causando grave dano às pessoas; com efeito sobrevêm a intolerância, o nervosismo e, por vezes, a violência gratuita, gerando insatisfação e isolamento. Além disso, na era da internet, onde o espaço e o tempo são suplantados pelo «aqui e agora», a paciência deixou de ser de casa” (*Spes non confundit*, § 4).

Devemos nos conscientizar de que essa tendência cultural do imediatismo penetrou, por assim dizer, em nosso coração, em nossa consciência, em nossa maneira de viver, em nosso eu e, portanto, em nossa liberdade. Não nos damos conta de que, permeada por essa tendência, determinada por essa tendência, a liberdade sofre uma regressão, uma espécie de alienação, porque não é livre, não é livre para escolher. O desejo de posse imediata se torna maior do que a nossa liberdade, de modo que é como se ela não tivesse mais espaço para agir, espaço para se exercitar, e por isso se sufoca. Perdeu-se a consciência de que o espaço em que a liberdade respira é um desejo que não agarra o que deseja, mas o deixa ser, o ama sem assimilá-lo a si mesmo.

Essa redução da liberdade não é nada nova, pois é fundamentalmente a característica do pecado original e, portanto, de todo pecado. A *internet* não inventou nada. Adão e Eva se apossam do fruto proibido que Deus tinha assinalado à sua atenção a fim de que, olhando para ele, pudessem exercitar a liberdade de um desejo que não possui e não consome. O fruto proibido também fazia parte do jardim que Deus havia criado para eles, portanto, foi dado a eles, era para eles. Se Deus o criou, se o colocou no jardim que criou para o homem e a mulher, se não o escondeu, isso significa que essa árvore e esse fruto também foram feitos e dados para o homem. Só que não foi dado para que ele o tomasse e o consumisse, mas para que o recebesse como mistério que Deus haveria de revelar a eles no devido tempo.

“A mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e desejável para adquirir sabedoria, tomou dele, comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente. Então os seus olhos abriram-se; e, vendo que estavam nus, tomaram folhas de figueira, ligaram-nas e fizeram tangas para si. E eis que ouviram o barulho (dos passos) do Senhor Deus que passeava no jardim, à hora da brisa da tarde. O homem e sua mulher esconderam-se da face do Senhor Deus, no meio das árvores do jardim. Mas o Senhor Deus chamou o homem e perguntou-lhe: ‘Onde estás?’” (Gn 3, 6-9).

O fruto era “desejável para adquirir sabedoria”. O desejo da sabedoria é certamente um bom desejo que Deus colocou no coração humano. O erro não está nesse desejo, mas em pensar que a sabedoria consista na posse de um poder e não na humilde e confiante abertura ao dom que Deus nos concede.

Tendo caído nesse erro, o homem e a mulher se fecham não apenas ao dom de tudo, mas também ao Doador que vem ao encontro deles e parece surpreender-se por não encontrar a criatura humana vindo ao seu encontro, como uma criança que corre alegremente em direção ao pai que volta para casa. O pecado fecha o coração à espera de Deus. E o homem que perde a abertura para o Senhor afunda no sentimento de ser abandonado.

É como se São Bento retomasse então a história humana a partir desse ponto, a partir daquele momento em que Deus volta para buscar no meio da multidão o coração humano sedento de vida e de felicidade e, portanto, sedento d’Ele, sedento de Deus.

Como Deus retornou e retorna para buscar o coração humano, sedento d’Ele, mas que se esconde?

Na iminência de sua chegada a Jerusalém, onde sofrerá a paixão e morte para ressuscitar ao terceiro dia, Jesus reproduz a cena do paraíso terrestre ao avistar o publicano Zaqueu escondido, como outrora Adão e Eva, entre os ramos de uma árvore, de um sicômoro. Jesus o vê, chama-o, vai à sua casa e acolhe sua conversão (cf. Lc 19, 1-10).

O comentário final de Jesus nesta cena é uma frase que resume toda a sua missão: “Pois o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19, 10).